

# DEUS, JESUS CRISTO, O ESPÍRITO SANTO E A TRINDADE NO MORMONISMO

## I – DEUS NO MORMONISMO

O deus da teologia mórmon não é o Deus da Bíblia. Podemos ainda afirmar que o deus da teologia mórmon de hoje não é mesmo o deus do *Livro de Mórmon*. Os mórmons se revoltam quando lhes dizemos isso, e procuram escapar quando são desafiados a justificar o conceito da divindade conforme apresentado nos escritos de seus teólogos mais recentes.

Quando Joseph Smith escrevia o *Livro de Mórmon* com a ajuda de Oliver Cowdry e Martin Harris (e ainda, segundo desconfiamos, de Sidney Rigdon), Smith e seus companheiros não tinham maior conhecimento dos nomes e atributos de Deus do que as pessoas comuns do seu tempo.

Havia disponível para eles, no interior da parte alta do estado de Nova Iorque, pouca exposição bíblica. Os pregadores da região eram os exortadores das reuniões de acampamento, e eles mesmos conheciam muito pouco do plano ou da estrutura da Bíblia.

O calvinismo e o arminianismo, a predestinação e o livre arbítrio eram discutidos mais ou menos tão inteligentemente pelos donos de boteco como o eram pelos que tinham pendores religiosos. Mas o ensino da graça de Deus na salvação não era apresentado pelos calvinistas, nem tampouco era praticada, a não ser esporadicamente, a vida santa pelos arminianos.

Experiências emocionais de qualquer espécie eram por muitos consideradas “conversão”. Sonhos e visões eram comuns. Muitos, que desdenhavam dos emocionalistas, aceitavam o batismo com água para remissão dos pecados como o meio de salvação, totalmente inconscientes de que a remissão de pecados e a salvação não são idênticas.

Não havia conhecimento do dispensacionalismo. As instruções dadas pelos profetas a Israel no Antigo Testamento não se distinguiam dos ensinamentos de Paulo às igrejas novas da Ásia Menor e da Europa. Uma citação da Bíblia era igualmente válida, fosse da boca de Satanás ou de Isaías. Os bons iam para o céu e os maus para o inferno, de acordo com seu estado na hora da morte.

A nova igreja de Alexander Campbell, os grupos adventistas de William Miller e o espiritismo das Irmãs Fox, todos brotaram desse mesmo solo. Da mesma sementeira saiu também o *Livro de Mórmon*, com a pretensão de ser uma revelação divina, mas ostentando todos os sinais de falsificação de um jovem ignorante, porém precoce e de imaginação muito viva, Joseph Smith, e de seu escriba, Oliver Cowdry, que exercia as profissões de professor e ferreiro, e de um agricultor local, Martin Harris, que era de modo geral bem sucedido nos negócios mas um visionário crédulo em matéria religiosa.

A pessoa da divindade conforme é apresentada no *Livro de Mórmon* era a do religioso inculto que reconhecia o fato de Deus, conforme apresentado pelos “exortadores”, simplesmente porque não queria parecer ateu. Deus era tomado por um pressuposto lógico.

No *Livro de Mórmon* não se exerceu discernimento algum no emprego dos vários nomes bíblicos de Deus. Usava-se Deus Eterno, quando se queria dizer Todo-Poderoso. O Cordeiro era empregado no mesmo sentido que o Messias. O Altíssimo era usado com referência a judeus, e Jeová com respeito a gentios.

Podemos citar os seguintes exemplos dessa falta de coerência. Em Mosias 3:18 (124 a.C.)

encontramos: “*O sangue expiador de Cristo, o Senhor Onipotente*”. Ora, a expressão: “sangue expiador de Cristo” está fora de sequência cronológica em 124 antes de Cristo. O termo grego “onipotente” dificilmente seria usado pelos indígenas americanos em 124 a.C.

Em Nephi, livro primeiro, capítulos 11-14, encontramos o emprego do termo “o Cordeiro de Deus”, com oito variações, por quarenta e seis vezes. Nas Escrituras o termo é usado exclusivamente pelo apóstolo João e estaria completamente fora de sequência cronológica em 600 a.C. É provável que, quando escrevia o *Livro de Mórmon*, Joseph Smith não possuía a consciência de ter ou não um conceito possível de Deus, mas assim que sua novel igreja começou a tomar forma, era necessário que ele desenvolvesse um teísmo apropriado.

Deve ser lembrado, que nessa ocasião, Sidney Rigdon fora desligado sucessivamente pelos batistas e pelas novas igrejas de Alexander Campbell, e tinha tomado o partido de Smith. Não existe nenhuma indicação de que Rigdon fosse mais do que um simples teólogo profissional. O que é certo é que seu conhecimento do texto bíblico não se aliava a nenhuma indicação de discernimento espiritual. Não passava de um experimentador religioso, que via na nova religião de Smith uma oportunidade para tomar um lugar para si. Sem dúvida alguma, grande parte da nova teologia de Smith, e praticamente toda a fraseologia religiosa dos vários livros, revelam a influência de Rigdon.

Após a publicação do Livro de Mórmon, as ideias de Smith se desenvolveram rapidamente. Um deus completamente antropomórfico apareceu, na medida que *Doutrina e Convênios* começaram a acumular-se e a *Versão Inspirada da Bíblia* era preparada. Até completar a *Pérola de Grande Valor*, o conceito de Smith era de uma pluralidade de deuses.

Até o fim de sua breve existência, quando ele proferiu o *Discurso King Follett*, Deus era um entre muitos deuses, e Adão era o deus deste mundo. Os deuses tinham-se tornado em super-homens, e os homens eram deuses em embrião. Nessa altura, o teísmo de Smith era uma espécie de politeísmo.

Tendo à sua disposição a matéria-prima dos escritos de Smith, foi fácil para os seguidores do profeta — Brigham Young, Orson e Parley Pratt, Orson Hyde, J. F. Smith e outros — desenvolverem as modernas doutrinas não bíblicas dos mórmons sobre a divindade. Os mórmons podem ser inteiramente sinceros na sua crença em seu deus, porém não é o Deus da Bíblia.

Um pouco de amostras do desenvolvimento do teísmo de Smith são bastante esclarecedoras. Três exemplos do Livro de Mórmon são suficientes para demonstrar que seu primitivo conceito de Deus não fugia muito da ortodoxia:

*“Pois eu sei que Deus não é um Deus parcial, nem um Ser mutável: Mas é imutável de eternidade em eternidade”* (Livro de Mórmon, Morôni, 8:18).

*“E Zeezrom disse-lhe: Tu dizes que há um Deus verdadeiro e vivo? E Amulek disse: Sim, há um Deus verdadeiro e vivo. Agora Zeezrom disse: Há mais de um Deus? E ele respondeu: Não!”* (Livro de Mórmon, Alma 11:26-29).

*“Pois não lemos que Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente, e nele não há variação nem sombra de mudança? E agora se tiverdes imaginado para vós um deus que varia — então imaginastes para vós um deus que não é um Deus de milagres — Eu vos digo que ele não muda: se não fosse assim, ele deixaria de ser Deus”* (Livro de Mórmon, Mórmon 9:8-19.)

Temos uma ligeira desconfiança que Mórmon estava “colando”, quando no século IV a.D. citou, palavra por palavra, Hebreus 13.8 e Tiago 1.17, conforme a tradução inglesa do século 17!

Nas primeiras “revelações” registradas em *Doutrina e Convênios*, na mesma época da publicação do *Livro de Mórmon*, o conceito de Deus não tinha sofrido sensível mudança. Lemos:

*“Por essas coisas sabemos que há um Deus no céu que é infinito e eterno, desde a eternidade o mesmo Deus imutável”* (D&C 20:17-18).

*“O mesmo imutável Deus, arquiteto do céu e da terra... deu-lhes mandamentos para que o amassem e servissem a ele, o único Deus vivo e verdadeiro”* (Idem, 20:19).

Agora note-se, por contraste, o conceito de Deus conforme declarado nas secções finais de *Doutrina e Convênios*:

*“O Pai tem corpo de carne e ossos, tão tangível quanto o do homem, e o Filho também”* (D&C 130:22).

*“Então eles serão deuses, porque eles têm todo o poder, e os anjos lhes são sujeitos”* (Idem, 132:20).

Quando Joseph Smith preparou *Pérola de Grande Valor*, tinha começado o estudo do hebraico. Não chegou a dominá-lo, porém adquiriu o suficiente para temperar seus escritos e discursos com alusões a esse idioma. Ficou sabendo que o termo Elohim, pelo qual Deus nos é apresentado em Gênesis 1, é uma forma plural que foi usada por escritores posteriores, e por escritores não bíblicos, para exprimir a ideia de muitos deuses. Lançou mão desse fato como documentação final que servisse de base para sua doutrina da “pluralidade de deuses.” No *Livro de Abraão (Pérola de Grande Valor)* Smith emprega o termo “deuses” para traduzir o hebraico Elohim em sua paráfrase de Gênesis 1.

O passo final para baixo no teísmo de Smith está bem expresso em seu *Discurso King Follett*, proferido em abril de 1844, dois meses antes de sua morte pelas mãos de uma turba em Carthage, Estado de Illinois.

A Igreja Reorganizada, em sua tentativa para desfazer-se da doutrina do Deus-Adão, que afirma rejeitar, tem procurado desacreditar o referido Discurso. Asseveram que foi fabricado pelos seguidores de Brigham Young. Seu caso é um tanto fraco, pois o Discurso foi proferido perante um auditório de 20.000 mórmons e registrado por quatro escribas: Willard Richards, Wilford Woodruff, Thomas Bullock e William Clayton. O sermão foi proferido em abril de 1844. Smith foi assassinado em 27 de junho de 1844, e o *Discurso King Follett* foi publicado em 1º de agosto de 1844, na edição de *Times and Seasons*.

Levando-se em consideração o caos resultante da morte de Smith, é incrível que o concílio dos doze tivesse tempo, ou mesmo inclinação, para fabricar semelhante documento que nada tinha a ver com os estupendos problemas com que se defrontavam naqueles dias.

Os teólogos mórmons têm usado o *Discurso King Follett* como sendo a última palavra de Smith sobre as doutrinas de Deus e o homem. Os seguintes excertos desse Discurso falam por si:

*“Vou inquirir a respeito de Deus: pois quero que todos vós o conheçais e com ele tenhais intimidade... Reportar-me-ei aos princípios antes de haver mundo, a fim de vos mostrar que espécie de ser é Deus.*

*Deus era, uma vez, o que nós somos agora: ele é um homem exaltado e senta-se entronizado lá nos céus... Afirmando, se vós o vísseis hoje, ve-lo-íeis em forma como homem — como vós mesmos e toda a pessoa, imagem e própria forma de homem.*

*Vou contar-vos como Deus chegou a ser Deus. Nós temos imaginado e suposto que Deus era Deus desde toda a eternidade. Eu refutarei essa ideia e removerei o véu, para que enxergueis.*

*É o primeiro princípio do evangelho saber-se com certeza o caráter de Deus e saber que podemos conversar com ele como um homem conversa com outro, e que ele era uma vez homem como nós; sim, que o próprio Deus, o pai de todos nós, habitou sobre uma terra, tal como Jesus Cristo o fez.*

*Que foi que Jesus disse?... As escrituras informam-nos que Jesus disse: como o Pai tem poder para si, assim também o Filho tem poder... para fazer o que? Ora, o que o Pai fazia. A resposta é óbvia: de algum modo depor seu corpo e de novo assumi-lo.*

*Aqui, pois, está a vida eterna: conhecer o único sábio e verdadeiro Deus; e vós precisais aprender como vos tornardes deuses, vós mesmos, e serdes reis e sacerdotes para Deus, tal como todos os deuses que vos precederam, a saber, prosseguindo de um pequeno grau a outro, e de uma pequena capacidade para uma grande; de graça em graça, de exaltação em exaltação, até alcançardes a ressurreição dos mortos e poderdes habitar nos ardores eternos (!), e sentardes em glória, como o fazem aqueles que se sentam entronizados em poder sempiterno”.*

Uma nota do ancião B. H. Roberts, na edição publicada, informa:

*“A doutrina aqui ensinada foi posteriormente expressa no seguinte aforismo por Lorenzo Snow: “Como o homem é, assim foi Deus. Como Deus é, assim pode tornar-se o homem.” Essa maneira de expressar a doutrina foi sem dúvida original de Lorenzo Snow, porém não a doutrina em si. Essa está contida nos comentários acima, do Profeta, texto e contexto”.*

Muitos dos apóstolos de Joseph Smith, principalmente aqueles que seguiram Brigham Young para o Estado de Utah, têm escrito e feito conferências sobre o conceito de Smith a respeito de Deus, e embora não sejam considerados “inspirados” pela Igreja, são tidos por credenciados. Muito se tem escrito para confirmar as doutrinas de Smith pelos diversos presidentes da Igreja. A presidência da Igreja dos Mórmons traz consigo o poder de receber “revelações” com tanta autoridade quanto os romanistas alegam do Papa, quando ele fala *ex cathedra*, de modo que podemos tomar essas declarações como sendo os ensinamentos autorizados dos mórmons. Eis algumas amostras:

*“Pergunta: Existe mais do que um Deus? – Resposta: Sim, existem muitos” (Ancião John Jacques, Catechism, 14:13).*

*“No princípio, o chefe dos deuses convocou um concílio dos deuses; e eles se reuniram e engendraram um plano para criar o mundo e povoá-lo” (Joseph F. Smith, Journal of Discourses, vol. VI, p. 5).*

*“Lembra-vos de que Deus nosso Pai celestial foi talvez uma vez uma criança, e mortal como nós somos, e elevou-se passo a passo na escala do progresso, na escola da promoção; vem progredindo e vencendo até chegar ao ponto em que agora se acha” (Orson Hyde, Journal of Discourses, vol. I. p. 123).*

*“Os profetas mórmons têm ensinado continuamente a sublime verdade que Deus, o Eterno Pai, foi uma vez um homem mortal que passou por uma escola terrestre semelhante àquela pela qual nós estamos passando. Ele se tornou Deus: um ser exaltado”* (Milton R. Hunter, *Gospel Through the Ages*, pág. 104).

*“O mormonismo não tem a tendência de rebaixar Deus ao nível do homem, mas de exaltar o homem à perfeição de Deus”* (Charles W. Penrose, *Millennial Star*, vol. 23, p. 181).

Essa última declaração seria sem dúvida do inteiro agrado de Satanás, que primeiro criou essa ideia no Jardim do Éden, dizendo à mulher: *“Vós sereis como deuses”* (Gn. 3.5). A palavra mais blasfema de todas, provavelmente, e que alguns apologistas posteriores têm procurado abrandar, é a seguinte expressão de Brigham Young:

*“Ouvi-o agora, ó habitantes da terra, judeus e gentios, santos e pecadores. Quando nosso pai, Adão, chegou ao Jardim do Éden, veio com corpo celeste, trazendo consigo a Eva, uma de suas esposas. Ele ajudou a fazer e organizar este mundo. Ele é Miguel, o arcanjo, o Ancião de Dias, a cujo respeito homens santos têm escrito e falado. Ele é nosso Pai e nosso Deus, e o único Deus com quem temos de tratar”* (Brigham Young, *Journal of Discourses*, vol. I, pág. 50).

Naquela ocasião Brigham Young, sem dúvida, sentiu-se em terreno seguro, uma vez que essa declaração não passava de um comentário das próprias palavras de Smith, expressas na Secção 27 de *Doutrina e Convênios*: *“E também Miguel, ou Adão, o Pai de todos, príncipe de todos, o Ancião de Dias”*.

Está mais do que evidente que o conceito de Deus, por parte de Joseph Smith e seus discípulos, tem seguido os moldes da degeneração do conceito gentio de Deus, conforme esboçado por Paulo em Romanos 1.21-26. Essa deterioração na doutrina acompanha moldes correspondentes de degeneração moral. Pode-se notar que nenhum sistema religioso prevê um deus de estatura maior do que as práticas morais de seus adeptos. Não dizemos que o mormonismo tenha descido até o último grau da escala de Paulo, porém identificamos vários passos de declínio.

- 1 O Paulo diz: *“Tendo conhecimento de Deus”* — que é a situação original da humanidade em sua apreciação correta da natureza de Deus — *“não o glorificaram como Deus”*;
- 2 *“Tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios”*. Essa é a primeira sugestão de igualdade entre o pensamento do homem e o de Deus.
- 3 *“Obscureceu-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”*.
- 4 *“Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”* — é o aparecimento do deus antropomórfico.
- 5 *“Deus entregou tais homens à imundícia”*.

Não estamos dizendo que as práticas polígamas dos mórmons estejam no mesmo nível de baixa das perversões sexuais descritas por Paulo, e praticadas pelos idólatras do paganismo. O que afirmamos é que sua poligamia é ensinada como tendo sentido religioso. O culto ao sexo, tal como se encontrava no baalismo, é apenas mais um passo na escala da deterioração.

Na história das religiões dos homens, pode-se notar sempre que três feições se desenvolvem quase simultaneamente: 1) a noção de um deus antropomórfico; 2) a divinização

do homem; e 3) o desenvolvimento de irregularidades sexuais, geralmente a título de atos de culto. É o que Paulo diz na carta aos Romanos, e é a situação do teísmo mórmon.

Os mórmons têm todo o direito de cultuar semelhante deus se assim quiserem; porém, repetimos: Não é o Deus da Bíblia.

## II – JESUS CRISTO NO MORMONISMO

“Que pensais de Cristo?” é ainda o teste supremo do Cristianismo ortodoxo. O Senhor aceitou a confissão de Pedro: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”*, e sobre a base dessa confissão levantou a estrutura da Igreja (Mt. 16.13-18).

O Espírito Santo inspirou o discípulo amado a escrever as palavras que declaram, em termos inequívocos, os fatos da eterna divindade de nosso Senhor. O Evangelho de João apresenta-O como a Palavra de Deus, coigual e coeterno com o Pai, e como aquele por cujo intermédio todas as coisas foram criadas (Jo. 1.1-3). O mesmo Evangelho apresenta o fato da encarnação como sendo o passo mediante o qual a Divindade assumiu o véu da carne humana, a fim de que Ele revelasse a mesma Divindade ao alcance da compreensão humana. Tendo feito isso, Ele ofereceu-se como o Substituto único pelo homem perdido, que seria aceitável para a redenção do homem diante de Deus (Jo. 1.9-14). O próprio Jesus proclamava sua divindade.

Falando aos judeus no Templo, Ele afirmou ser o Eterno que existia antes de Abraão, dizendo: *“Antes que Abraão existisse, Eu sou”* no grego *ego eimi* (Jo. 8.56-58). Empregando essa forma do verbo ser, Ele se identifica com aquele que se revelou a Moisés como sendo o que existe por si. Foi quem instruiu Moisés, quando lhe apareceu na sarça ardente, para que dissesse ao povo israelita: *“EU SOU me enviou a vós outros”* (Êx. 3.14). Assim, aquele que falou aos judeus na Festa dos Tabernáculos foi o mesmo que falou com Moisés e se identificou como o Eterno, ou seja, Jeová.

Quando discorreu no cenáculo, Jesus identificou-se como sendo Um com o Pai. Disse: *“Quem me vê a mim, vê o Pai”* (Jo. 14.7-11). Em sua grande oração sacerdotal, Jesus alegou preexistência e coigualdade com o Pai ao dizer: *“Glorifica-me, ó Pai... com a glória que Eu tive junto de ti antes que houvesse mundo”* (Jo. 17.5).

Ao declarar a razão de ter escrito seu Evangelho, João afirma: *“Estes [sinais] foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”* (Jo. 20.31).

Com referência à varonilidade de Jesus, a Bíblia declara que Ele foi gerado pelo Espírito Santo e nascido de mãe virgem (Mt. 1.20-21; Lc. 1.35). A Bíblia ensina sua impecabilidade, afirmando que Ele *“não cometeu pecado”* (I Pe. 2.22); *“não conheceu pecado”* (II Co. 5.21) e *“nele não existe pecado”* (I Jo. 3.5).

A Bíblia ensina que sua morte foi voluntária. Jesus declarou: *“Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la”* (Jo. 10.17-18).

A Bíblia ensina que Jesus ressurgiu dentre os mortos sem ver a corrupção (At. 2.27, 13.35-37). Ensina que Ele ressuscitou fisicamente. Ensina que sua ressurreição é a evidência da validade de sua obra de redenção, e que somente através de sua ressurreição está garantida a nossa salvação da pena do pecado (Rm. 4.25; I Co. 15.1-4).

Em cada uma dessas asserções Jesus Cristo é único. Afirmamos mais, que cada uma dessas verdades é vital e central nos ensinamentos do Cristianismo ortodoxo. De um modo ou de outro, os mórmons negam todas essas proposições. Negam que “a Palavra” (“o Verbo”), que se fez carne, fosse único em sua eternidade e coigualdade com Deus, fazendo dele apenas um dos espíritos de homens, deuses e demônios que existiram coigual e coeternamente com Deus.

As seguintes declarações, colhidas entre muitas, são suficientes para documentar a posição dos mórmons :

*“O homem é um espírito revestido de um tabernáculo cuja parte inteligente nunca foi criada ou constituída, mas existe eternamente — o homem também estava no princípio com Deus”* (J. F. Smith, Progress of Man, p. 9-11).

*“Ele [o homem] existia antes de vir para a terra: Ele estava com Deus “no princípio.” O destino do homem é divino. O homem é um ser eterno. Ele também é “de eternidade a eternidade”* (John A. Widtsoe, Varieties of American Religion, p. 132).

*“Jesus Cristo não é o pai dos espíritos que tomaram ou tomarão corpos para si, pois Ele mesmo é um deles. Ele é o filho e eles são os filhos e filhas de Elohim”* (James E. Talmage, p.473).

*“Temos uma sucessão de deuses desde Adão até Cristo (seu filho) e seus apóstolos pelo menos todos os homens, inclusive Jesus Cristo, sendo a imagem de seu pai (dele), e possuindo conhecimento semelhante do bem e do mal”* (Richards, Millennial Stars, 17:195-6).

*“Se eu puder passar adiante do Irmão Joseph, terei boas possibilidades de passar adiante de Pedro, Jesus e os profetas”* (B. Young, Journal of Discourses, p. 271).

*“Quanto ao Diabo e aos espíritos seus companheiros, são irmãos do homem e também de Jesus e filhos e filhas de Deus no mesmo sentido em que nós o somos”* (John H. Evans, An American Prophet, p. 241).

*“Nada há de impróprio... em falar de Jesus Cristo como irmão mais velho do restante da espécie humana”* (James E. Talmage, Articles of Faith, p. 473).

Os mórmons ensinam que Jesus foi o filho naturalmente nascido de Adão e Maria:

*“Quando a Virgem Maria concebeu o menino Jesus... ele não foi gerado pelo Espírito Santo. E quem é seu pai? Ele é o primeiro da família humana”* (B. Young, Journal of Discourses, p. 50-51).

*“Jesus, nosso irmão mais velho, foi gerado na carne pelo mesmo personagem que esteve no jardim do Éden”* (Ibidem).

Os mórmons creem que Jesus não era singular em seu nascimento, sua meninice ou varonilidade.

*“Jesus Cristo, criancinha como todos nós, cresceu e tornou-se adulto, foi cheio de uma substância divina ou um fluído divino, chamado o Espírito Santo, pelo qual ele compreendia e falava a verdade”* (Parley P. Pratt, Chave para a Ciência da Teologia, p. 32).

Os mórmons nada mais veem na vida de Jesus do que em qualquer de nós. O ancião B. H. Roberts, em uma nota no Discurso King Follett de Joseph Smith, cita Sir Oliver Lodge como autoridade no assunto:

*“Sua humanidade deve ser reconhecida como real e comum — tudo que lhe aconteceu pode acontecer a qualquer de nós. A divindade de Jesus e a divindade de todas as demais almas nobres e majestosas, até onde elas também têm sido influenciadas por uma centelha de Deus, podem ser reconhecidas como manifestações do Divino”* (King Follet Discourse, p. 32).

Os mórmons não veem singularidade na ressurreição de Jesus Cristo, a não ser no fato de ter ela precedido outras ressurreições. Nada tem a ver com nossa salvação ou justificação. Pratt, em sua *Chave para a Ciência da Teologia*, afirma:



*“Todo homem que for finalmente aperfeiçoado por uma plenitude da glória celestial, se tornará como eles (o Pai e o filho) em todos os sentidos: fisicamente, no intelecto, nos atributos e poderes”* (Key to the Science of Theology, p. 32).

Os mórmons ensinam que o homem não é salvo pela obra redentora de Cristo nem pelo derramamento de seu sangue no Calvário. Creem antes que:

*“Os próprios germens desses atributos divinos (do Pai e filho), sendo produzidos no homem, geração da divindade, apenas precisam ser cultivados, melhorados, desenvolvidos e elevados através de uma série de mudanças, a fim de chegar à fonte, ao padrão, ao clímax da Divina Humanidade”* (Pratt, Key to the Science of Theology, p. 32.)

Os mórmons creem que Jesus Cristo foi polígamo. Não há por onde escapar disso. Todo o sistema do progresso mórmon na vida vindoura se baseia na confirmação, por selo, de casamentos na vida presente. Os solteiros, e os casais cujos casamentos não recebem o selo dos dotes do templo, se transformam em anjos. Os que são selados para a eternidade se tornam deuses (D&C 132).

Segundo a doutrina dos mórmons (John Henry Evans, An American Prophet, p. 241.) Jesus Cristo, antes de sua encarnação, não era mais divino do que qualquer de nós. Assim, de acordo com a lógica dos mórmons, se Jesus não foi casado durante sua vida terrena, não podia elevar-se a mais do que um anjo na vida vindoura.

Os mórmons afirmam categoricamente que Jesus se casou em Caná da Galiléia. Diz Orson Hyde:

*“Se, nas bodas em Caná da Galiléia, Jesus foi o noivo e tomou a si Maria, Marta e a outra Maria, isso não nos choca os nervos. Se não houve apego e familiaridade entre nosso Salvador e essas mulheres — altamente correto só na relação de marido e mulher, então nós não temos senso do que é correto”* (Orson Hyde, Journal of Discourses, vol II, p. 81-82).

Mais tarde, falando sobre esse mesmo assunto, Hyde afirma:

*“Se ele nunca se casou, sua intimidade com Maria e Marta e com a outra Maria também, a quem Jesus amava, há de ter sido altamente imprópria e incorreta, para não dizer mais”* (Orson Hyde, Journal of Discourses, vol IV, p. 259).

Os mórmons ensinam que, antes de sua crucificação, Jesus tinha filhos. É claro que isso segue na linha de raciocínio dos mórmons, pois de outro modo Jesus não podia alcançar a exaltação completa na vida vindoura. Sobre esse ponto ensina Hyde:

*“Ter-se-ia Jesus multiplicado e visto sua semente? Conheceu Ele a lei de seu Pai cumprindo-a ou não? Façam os outros o que bem entenderem, mas eu não acusarei nosso Salvador de negligência ou de transgressão, desse ou de qualquer outro dever”* (ibidem).

Em outro sermão, Hyde prossegue:

*“Nós dizemos que foi Jesus Cristo que era casado pelo que Ele podia ver a sua semente antes de ser crucificado. Eu direi aqui que o Salvador, antes de morrer, contemplou seus próprios filhos pela carne como nós contemplamos os nossos. Quando Maria veio ao sepulcro, ela viu dois anjos e lhes disse: Levaram meu Senhor ou marido”* (Orson Hyde, Journal of Discourses, vol IV, p. 210).

Os mórmons usam o nome de Jesus Cristo no título da Igreja deles, porém qualquer cristão com discernimento perceberá que não se trata do Jesus Cristo a quem nós adoramos como Filho eterno de Deus, o qual morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras. O Cristo

deles não é esse de quem Pedro declarou: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At. 4.12).

Nem tampouco é deles o Salvador de quem Paulo afirmou: “O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm. 4.25, 5.1).

### **III – A SANTÍSSIMA TRINDADE NO MORMONISMO**

O tópico de abertura da declaração de fé dos mórmons afirma: “Cremos em Deus o Pai eterno e em seu filho Jesus Cristo e no Espírito Santo”. Superficialmente, parece ser uma declaração trinitariana e satisfatória. Será, porém, esse o sentido mórmon da declaração?

Os mórmons não creem em uma divindade trina. Sua declaração de fé, se é que reflete alguma coisa de sua crença, abre a porta primeiramente para três deuses distintos, no que diverge completamente da fé cristã ortodoxa em um Deus trino. Há abundância de comentários que revelam que não estamos expondo mal o seu caso. Essas mesmas declarações demonstram também que o ensino mórmon de um deus antropomórfico é o padrão de seu modo de pensar.

A primeira visão de Joseph Smith revela esse fato. Eis as circunstâncias que precederam a recepção da visão. Diz Smith:

*“Havia no lugar onde morávamos uma agitação incomum em matéria de religião... Toda a redondeza... ao que parece, ressentia essa agitação, e grandes multidões uniam-se aos vários partidos religiosos, o que causou grande reboiço e divisão entre o povo: uns gritavam: “Eis aqui!” e outros: “Eis acolá!” Uns contendiam pela fé metodista, outros pela presbiteriana, outros ainda pela batista... Eu na ocasião estava com quinze anos incompletos. A família de meu pai foi levada pelo proselitismo da fé presbiteriana.*

*Durante esse tempo... meus pensamentos foram despertados por sérias reflexões e grande inquietação; contudo, embora meus sentimentos fossem profundos e muitas vezes aflitivos, conservei-me alheio a todos esses grupos, ainda que assistisse a suas diversas reuniões... Inclina-me até certo ponto à seita metodista e senti algum desejo de unir-me a eles; porém era tão grande a confusão e contenda entre as diferentes denominações, que era impossível a um jovem da minha idade chegar a uma conclusão certa quanto a quem estava certo e quem errado.*

*Enquanto eu laborava sob as extremas dificuldades causadas pelas contendas desses partidos de religiosos, li um dia a Epístola de Tiago, primeiro capítulo, verso cinco, que diz: “Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropéria; e ser-lhe-á concedida”!*

*Jamais alguma passagem da escritura veio com maior poder... pareceu entrar com grande força em cada sentimento de meu coração... Por fim cheguei à conclusão de que, ou eu havia de permanecer em trevas e confusão, ou havia de fazer como Tiago recomenda... então, de acordo com isso... retirei-me ao bosque para fazer a tentativa... Tendo-me retirado ao lugar a que anteriormente pretendia ir, olhado em redor e me achado a sós, ajoelhei-me e comeci a oferecer a Deus os desejos de meu coração.*

*Apoderou-se de mim algum poder que me sujeitou completamente. Teve sobre mim influência tão assombrosa que me prendeu a língua de modo que eu não pude falar. Muitas trevas me cercaram,*

*e durante algum tempo me parecia que eu estava destinado a súbita destruição.*

*Mas, exercendo todas as minhas forças para invocar a Deus, para que me libertasse do poder desse inimigo que se apoderara de mim, e no momento exato em que eu estava pronto a desesperar e a me abandonar à destruição — não a uma ruína imaginária, mas ao poder igual a que eu jamais sentira em qualquer ser — justamente nesse momento de grande alarme, vi uma coluna de luz exatamente sobre minha cabeça, mais brilhante que o sol, a qual desceu aos poucos até cair sobre mim.*

*Assim que apareceu, senti-me liberto do inimigo que me prendia. Quando a luz pousou sobre mim, via dois personagens, cujo brilho e glória excediam a toda descrição, eretos, no ar, por cima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando o outro: “Este é meu filho amado, ouve-o” (Pérola de Grande Valor, p. 84-85).*

Smith não fez menção dessa visão senão vários anos depois de sua suposta ocorrência. Há quem argumente que Joseph nunca teve tal visão, mas que a concebeu a fim de substanciar sua teologia posterior. Reconhecemos a lógica de quem assim argumenta, uma vez que há nos escritos de Joseph muita evidência de revelações *ex post facto*. Se essa primeira visão está corretamente registrada, corresponde ao método pelo qual Satanás pode transformar-se em anjo de luz.

Alguém poderá levantar a questão: “Será que uma pessoa que estivesse pedindo luz, conforme Joseph afirma ter feito, receberia por resposta um arrebatamento e visão satânicos?” Nós respondemos que o Espírito de Deus fala através da Palavra de Deus, sempre que o interessado tem acesso a ela. Uma vez que Joseph Smith buscou luz fora da Palavra de Deus, teve por resposta uma revelação que não se coaduna com a Palavra de Deus. O Espírito de Deus fala pela Palavra de Deus.

Se Joseph Smith tivesse continuado sua leitura até Tiago 1.18, ele teria recebido uma autêntica revelação do processo divino da salvação. Esse texto declara: “*Segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade*”.

Um apologista de Smith, de nome John Henry Evans, retruca que era inútil um menino de quatorze anos esperar auxílio pelo estudo da Bíblia (*An American Prophet*, p. 345). Essa conclusão é evidentemente incoerente, uma vez que os próprios mórmons consideram a pessoa com idade de responsabilidade suficiente para receber o batismo com oito anos, e para assumir o ofício de diácono com quatorze. A revelação que serve de comentário à natureza dessa primeira visão de Smith diz:

*“O Pai tem um corpo de carne e ossos tão tangível quanto o do homem; o Filho também: mas o Espírito Santo não tem corpo de carne e ossos, porém é personagem de espírito. Se não fosse assim, o Espírito Santo não podia habitar em nós” (D&C 130:22).*

J. E. Talmage, um dos mais preeminentes dos expositores posteriores dos mórmons, fez vários comentários sobre a ideia mórmon da Trindade, em contradição à ideia cristã. Diz ele:

*“Três pessoas que compõem o grande concílio presidente revelaram-se ao homem: 1) Deus o eterno Pai; 2) Seu filho Jesus Cristo, e 3) o Espírito Santo. Essas três pessoas são individual e fisicamente distintas umas das outras” (James E. Talmage, *The Articles of Faith*, p. 39).*

Não existe, provavelmente, documento maior na expressão da doutrina da Trindade do que aquele formulado no Credo Niceno. Pois bem: dele escreveu J. E. Talmage: “*Seria difícil*

*conceber maior número de incoerências e contradições expressas em tão poucas palavras” (Idem, p. 48).*

Esse mesmo autor, comentando a declaração mais simples contida na confissão de fé da Igreja Anglicana, assim se expressa:

*“A imateriabilidade de Deus conforme é asseverada nessas declarações de fé sectárias, está em absoluto desacordo com as escrituras e é completamente contrariado pelas revelações da pessoa e dos atributos de Deus. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama contra o incompreensível Deus sem corpo, partes ou paixões, como coisa impossível de existir, e assevera sua crença no Deus verdadeiro e vivo da escritura e das revelações, votando a ele sua fidelidade” (Idem, p.48).*

Um dos mais célebres teólogos mórmons foi Parley P. Pratt. Sua maior obra é *Chave da Ciência da Teologia*. Os mórmons não põem em dúvida os escritos de Pratt. Um de seus comentários sobre a doutrina da Trindade é como segue:

*“Entre essas teorias (as doutrinas da igreja cristã) observaremos uma que é, talvez, recebida mais largamente pelas várias seitas do que qualquer outra. A linguagem reza assim: Há um único Deus vivo e verdadeiro, sem corpo, partes ou paixões; consiste de três pessoas, o Pai, Filho e Espírito Santo.*

*É doloroso para a mente humana ser obrigada a admitir que tão maravilhosas incoerências de linguagem ou ideias tenham jamais encontrado lugar em credo humano... Não passa de outra maneira de dizer que há um Deus que não existe, um Deus que é composto do nada, que é a negação de toda a existência, que não ocupa nenhum espaço, que não existe em nenhum tempo e que não é composto de nenhuma substância... Tal Deus jamais poderia ser visto, ouvido ou sentido por qualquer ser no universo” (Key to the Science of Theology, p. 28-29).*

Evidentemente Pratt e os mórmons excluíram a possibilidade de se pensar além do reino do que é físico e visível. Pratt demonstra isso ao prosseguir:

*“Jamais houve ídolo visível, cultuado entre os homens e que fosse tão destituído de poder como esse Deus sem corpo, paixões ou partes. O Deus do Egito, o crocodilo, tinha poder para destruir. O Deus peruviano, o sol, podia difundir seu genial calor, luz e influência” (ibidem).*

Assim Pratt atribui ao deus do sol e ao crocodilo do Egito lugar mais elevado que à eterna Trindade da Bíblia. Pratt comenta ainda a natureza do Pai e do Filho. Diz ele:

*“Jesus Cristo e seu Pai são duas pessoas, no mesmo sentido em que João e Pedro são duas pessoas. Cada qual possui um tabernáculo organizado e individual, incorporado em forma material e composto de substâncias materiais na semelhança do homem e possuindo todo órgão, limite e parte física que o homem possui” (Idem, p. 34).*

As teorias de Pratt com relação ao Espírito Santo veremos no próximo capítulo.

#### **IV – O ESPÍRITO SANTO NO MORMONISMO**

Nenhum aspecto da doutrina cristã requer estudo mais cuidadoso, e maior discernimento, do que o assunto da Pessoa e obra do Espírito Santo.

O pecado que não será perdoado, no exemplo em que o Senhor Jesus ensinou sobre o assunto, é especificamente a blasfêmia contra o Espírito Santo. No caso em apreço, os críticos

do Salvador diziam que Ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu. Isso, no dizer de Jesus, era blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt. 12.21-32).

A fim de estabelecer um padrão de confronto pelo qual possamos avaliar o conceito dos mórmons, faremos a seguinte declaração que, segundo nos parece, contentará a todo cristão realmente ortodoxo.

**1-** O Espírito Santo é identificado nas Escrituras como possuidor de personalidade distinta e não como mera “influência.”

a) Faz-se referência ao Espírito Santo na terceira pessoa, no gênero masculino singular: Ele (Jo. 14.17; 15.26 e 16.24).

b) Ananias mentiu ao Espírito Santo (At. 5.3-4). Ora, não se pode mentir a uma influência.

c) O Espírito Santo deu ordem para a separação de Barnabé e Saulo (At. 13.2). Uma influência não podia fazer isso.

**2-** O Espírito Santo é identificado, em sua relação com a Trindade, como coigual e coeterno com o Pai e o Filho (Gn. 1.1,26 e 11.7; Is. 6.8, 48.13-16; Mt. 3.16, 28.19; Jo. 15.26; IICo. 13.14; Ef. 2.18; IJo. 5.7; Hb 9.14).

**3-** O Espírito Santo é identificado como possuidor dos atributos da Divindade, a saber:

a) Eternidade — Hebreus 9.14;

b) Onipotência — Salmo 104.30;

c) Onipresença — Salmo 139.7;

d) Onisciência — Isaías 40.13; I Coríntios 2.10-11.

**4-** Quanto à obra ou ministério do Espírito Santo, a Bíblia indica o seguinte:

a) O Espírito Santo é o autor da Palavra de Deus (IITm. 3.16; IIPe. 1.21);

b) É o “arquiteto” do universo (Gn. 1.2-3,26; Jó 26.13; SI 104.30);

c) É o agente da Trindade nos tratos de Deus com o homem:

- Em Gênesis 6.3 Ele age no homem;
- Em Jó 32.8 dá entendimento;
- Em Êxodo 31.2-5 proporciona habilidade;
- Em Juízes 14.6 dá vigor físico;
- Em Números 11.25; Juízes 11.29; II Samuel 23.2; II Pedro 1.21 Ele comissiona os servos de Deus.

**5-** O Espírito Santo é o autor do novo nascimento:

a) Em João 16.7-14, Ele convence e esclarece a respeito do pecado, da justiça e do juízo;

b) Em João 3.5-6, Ele outorga a nova vida;

c) Em Efésios 1.13-14, Ele sela os crentes;

d) Em I Coríntios 12.3, Ele batiza os crentes em um Corpo — a Igreja.

**6-** O Espírito Santo ativa e comissiona os crentes individualmente ou, na qualidade de igreja, coletivamente:

a) Em João 14.17; Romanos 8.9-11, habita neles;

b) Em João 14.26; 16.13; Romanos 8.14; I João 2.20-27, Ele instrui;

- c) Em Romanos 8.26-27, intercede entre o homem e o Pai em matéria de intercessão e súplica;
- d) Em Romanos 8.4, capacita o crente a viver a vida da fé;
- e) O Espírito Santo é o encarregado da Igreja enquanto está neste mundo, e até a chamada do Corpo de Cristo (Jo. 14.16; IITs. 2.16-17; Ap. 22.17).

Poderíamos continuar esboçando os diversos aspectos da Pessoa e obra do Espírito Santo, mas o que está acima é suficiente para o confronto dos conceitos cristãos e dos mórmons.

Examinemos agora o ponto de vista dos mórmons. O primeiro item da declaração doutrinária dos mórmons afirma simplesmente: *“Cremos em Deus o Eterno Pai, em seu Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo”*. Isso pode significar tudo. Em Doutrinas e Convênios, lemos o seguinte:

*“O Pai tem corpo de carne e ossos, tão palpável quanto do homem, e o Filho também: mas o Espírito Santo não tem corpo de carne e ossos pois é personagem de espírito”* (D&C 130:22).

Alguns dos expositores mórmons tinham convicções variáveis sobre a identidade do Espírito Santo como Pessoa, o que se vê nos seus escritos. Orson Pratt comenta:

*“Sou inclinado a pensar, através de algumas coisas nas revelações, que exista um ser pessoal como seja um Espírito Santo pessoal, porém não está demonstrado como fato positivo, e o Senhor nunca me deu nenhuma revelação sobre o assunto; por conseguinte não posso chegar a uma conclusão definida”* (Orson Pratt, Journal of Discourses, vol. II).

O conceito de Orson Pratt, em suas expressões posteriores, veio a conformar-se com o de seus contemporâneos. Uma de suas declarações ulteriores reza assim:

*“Duas pessoas não podem receber a um só tempo as mesmas partículas exatas desse espírito: portanto, uma parte do Espírito Santo repousará sobre um homem e outra parte sobre outro”* (Orson Pratt, Absurdities of Materialism, p. 24).

Os mórmons sempre se referem ao Espírito Santo, em inglês, com o pronome neutro (ou seja, como sendo uma coisa e não uma pessoa), e da maneira mais casual. Ouvi um sacerdote mórmon de Melquisedeque comentar que Satanás faz uso do Espírito Santo, usando o poder dessa “coisa” de modo perverso.

Parley Pratt, irmão de Orson, expressa o assunto de modo que reflete o pensamento dos doutrinadores dos mórmons, e é aceito por todo mórmon como ensino ortodoxo. Pratt diz:

*“Esta substância, como todas as demais, é um dos elementos da existência material ou física e, portanto, sujeita às leis indispensáveis que governam toda a matéria. Como todas as demais matérias, seu todo é composto de partículas individuais. À mesma semelhança, cada partícula ocupa espaço, possui a faculdade do movimento, precisa de tempo para locomover-se de um lugar a outro e de modo algum pode ocupar dois espaços ao mesmo tempo. Nesses particulares, em nada difere de toda a outra matéria. Penetra os poros das substâncias mais sólidas, penetra o organismo humano até o mais recôndito, discerne os pensamentos e intentos do coração. Tem a faculdade de locomover-se através do espaço com velocidade inconcebível, muito em excesso dos movimentos lentos da eletricidade ou da luz física. Compreende passado, presente e futuro em toda sua plenitude. É dotado de conhecimento, sabedoria, verdade, amor, caridade, justiça e misericórdia em todas as suas ramificações”* (Parley P. Pratt, Chave para a Ciência da Teologia, p. 39-40).

Os mórmons negam que o Senhor Jesus tenha sido concebido no ventre da Virgem Maria pelo Espírito Santo. Joseph Smith lançou os fundamentos dessa doutrina quando estabeleceu Adão como divindade (D&C 27:11, 78:16, 107:54, 116:1).

Brigham Young segue logicamente ao declarar:

*“Quando a Virgem Maria concebeu o menino Jesus, o Pai o tinha gerado à sua própria semelhança. Não foi gerado pelo Espírito Santo. Quem então é seu pai? É o primeiro da família humana - lembrai-vos, pois, de agora em diante e para todo o sempre, que Jesus Cristo não foi gerado pelo Espírito Santo”* (B. Young, Journal of Discourses, p. 50-51).

Que contraste se observa entre as opiniões blasfemas dos mórmons e as declarações cristalinas das Escrituras! O Evangelho de Mateus declara: *“Eis que lhe apareceu em sonho um anjo do Senhor, dizendo: não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”* (Mt. 1.20).

O Evangelho de Lucas registra: *“Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus”* (Lc. 1.35).

A razão pela qual os mórmons deixam de compreender a verdadeira natureza do Espírito Santo como Pessoa, conquanto totalmente não-física, é o seu conceito da Divindade como sendo composta de Pessoas físicas separadas. Eles raciocinam assim: Se Deus Pai, e Jesus Cristo seu Filho, são “personagens de carne e ossos”, como pode uma Pessoa da Divindade ser puramente espírito e ainda ser uma Pessoa? Assim o Espírito, no modo de pensar deles, há de ser um elemento que é dispensado, em várias qualidades, a cada indivíduo.

Os mórmons não podem aceitar a doutrina cristã da habitação do Espírito de Deus nas pessoas depois de seu novo nascimento, e ao mesmo tempo, na Igreja de Deus. Não podem conceber o Espírito Santo como sendo residente universal nos crentes. Dizem: *“Como pode um Espírito Santo pessoal habitar em diferentes pessoas ao mesmo tempo?”* (Orson Pratt, Absurdies of Materialism). Esse mesmo tipo de raciocínio produz o seu conceito de Deus Pai como não sendo puramente “espírito.” Joseph Fielding Smith, comentando a declaração do Senhor Jesus à mulher de Sicar, de que *“Deus é espírito”* (Jo. 4.24) diz: *“Isso eu não creio”* (Joseph F. Smith, Teachings of Joseph Smith, p. 85).

James L. Barker, em The Divine Church (A Igreja Divina), com esse mesmo conceito limitado, diz: *“A afirmativa de que “ninguém jamais viu a Deus” (Jo. 1.18) está em desacordo com outras Escrituras”*. Ele raciocina que *“em semelhantes casos, ou o texto não veio corretamente até o presente, ou foi incorretamente traduzido”* (James L. Baker, The Divine Church, p. 9). O insucesso do pensamento dos mórmons, com referência à unidade da Trindade, e ao mesmo tempo a personalidade do Espírito, deve-se ao fato de deixarem de compreender que nem todas as proposições divinas podem ser confinadas dentro dos limites da expressão humana.

Joseph Smith dá a entender, na Pérola de Grande Valor, que uma vez que Deus falava “face a face” com Moisés, então este estava contemplando um personagem físico que possuía olhos físicos. A expressão “face a face” é a figura linguística mais próxima que nossa linguagem fornece para expressar a intimidade de comunhão entre Moisés e Deus. Assim, Joseph Smith teve que rejeitar a declaração posterior em Êxodo 33.20: *“Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá”*, como contradição da declaração

anterior: “o Senhor falava face a face com Moisés”.

A única dificuldade aí é a pobreza da linguagem humana, ou antes, a incapacidade de Smith para compreender o significado da linguagem bíblica e dos valores bíblicos, além de querer confinar sua interpretação de determinadas passagens bíblicas dentro dos limites da semântica do inglês da versão de 1611.

## **O QUE O MORMONISMO ENSINA SOBRE DEUS HOJE**

Pelo menos duas doutrinas mórmons foram revogadas na prática da igreja, a partir de meados do século passado – a poligamia e o racismo – por motivos óbvios. Porém, no que diz respeito às doutrinas centrais do mormonismo nada mudou:

### **“Deus, o Pai**

*Deus, o Pai, é o Ser Supremo no qual acreditamos e a quem adoramos. É o supremo Criador, Legislador e Preservador de todas as coisas. É perfeito, todo-poderoso e conhece todas as coisas. “Tem um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem” (D&C 130:22).*

*Informações Adicionais*

*O Pai de Nosso Espírito*

*Uma das grandes questões da vida é “Quem sou eu?” Uma das músicas preferidas da Primária ajuda até os pequeninos a responder a essa pergunta. Cantamos “Sou um filho de Deus, por Ele estou aqui”. O conhecimento de que somos filhos de Deus dá-nos força, consolo e esperança.*

*Somos todos literalmente filhos de Deus, gerados espiritualmente na vida pré-mortal. Como filhos Dele, **podemos ter certeza de ter em nós um potencial divino e eterno e que Ele nos ajudará em nossos esforços sinceros de atingir esse potencial**” (grifo nosso).*

<https://www.lds.org/topics/god-the-father?lang=por&old=true> - visitado em 29/05/2018

### **“Tornar-se Como Deus**

*Uma das figuras mais comuns entre as religiões ocidentais e orientais é a de Deus como pai e dos seres humanos como filhos de Deus. Bilhões de pessoas oram a Deus como seu pai, pregam a irmandade de todas as pessoas para promover a paz e estender a mão aos cansados e sobrecarregados com a profunda convicção de que cada filho de Deus tem grande valor.*

*Mas as pessoas de diferentes religiões compreendem o parentesco entre Deus e os homens de maneiras significativamente diferentes. **Alguns compreendem a expressão “filho de Deus” como um título honorário reservado apenas para aqueles que acreditam em Deus e aceitam sua orientação**, como a de um pai. Muitos veem a descrição do relacionamento paternal de Deus com a humanidade como uma metáfora para expressar Seu amor por Suas criações e a dependência deles de Seu sustento e proteção.*

***Os santos dos últimos dias veem todas as pessoas como filhas de Deus em um sentido pleno e completo**; consideram que cada pessoa é divina em origem, natureza e potencial. Cada uma tem um núcleo eterno e é “um filho (ou filha) gerado (...) por pais celestiais que o amam.” Cada uma possui sementes da divindade e deve escolher viver em harmonia ou oposição a essa divindade. Por meio da Expição de Jesus Cristo, todas as pessoas podem “progredir rumo à perfeição e terminando por alcançar seu destino divino”. Assim como uma criança pode desenvolver os*



*atributos de seus pais, ao longo do tempo, a natureza divina que os homens herdaram pode ser desenvolvida para torná-los como seu Pai Celestial” – grifo nosso.*

## **“Espírito Santo**

O Espírito Santo, com frequência chamado de o Espírito, é o terceiro membro da Trindade. O Profeta Joseph Smith ensinou: **“O Pai tem um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não tem um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. Se assim não fora, o Espírito Santo não poderia habitar em nós”** (D&C 130:22).

Precisamos ser dignos de Sua companhia *“porque o Espírito do Senhor não habita em templos impuros”* (Helamã 4:24). Fazemos isso, entre outras coisas, tendo pensamentos virtuosos, levando uma vida íntegra e procurando guardar os mandamentos”.

<https://www.lds.org/liahona/2013/04/the-holy-ghost-comforts-inspires-and-testifies?lang=por>  
visitado em 29/05/2018

## **“Trindade**

A primeira regra de fé da Igreja declara: *“Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo.”* Esses três seres compõem a Trindade. Eles presidem este mundo e todas as outras criações de nosso Pai Celestial.

*Informações Adicionais*

**A verdadeira doutrina da Trindade perdeu-se com a apostasia que se seguiu ao ministério mortal do Salvador e à morte de Seus Apóstolos. Essa doutrina começou a ser restaurada quando Joseph Smith, aos 14 anos de idade, recebeu a Primeira Visão** (ver Joseph Smith—História 1:17). Com base na narrativa do Profeta de sua Primeira Visão e em seus outros ensinamentos, sabemos que os membros da Trindade são três seres separados. O Pai e o Filho têm um corpo tangível de carne e ossos, mas o Espírito Santo é um personagem de espírito (ver D&C 130:22).

*Embora os membros da Trindade sejam seres distintos e tenham funções diferentes, eles são um em propósito e doutrina. Eles estão perfeitamente unidos no propósito de levar a efeito o divino plano de salvação do Pai Celestial”* (grifo nosso).

<https://www.lds.org/topics/godhead?lang=por&old=true> - visitado em 29/05/2018

## Bibliografia:

*Seria Cristão o Mormonismo?*, Gordon H. Fraser, Imprensa Batista Regular, 1ª edição, 1965.